Economia E Psicologia

Príncela Santana da Cruz[[1]](#footnote-1)

Jairo Marchesan[[2]](#footnote-2)

Sandro Luiz Bazzanella[[3]](#footnote-3)

RESUMO

O presente artigo aborda o tema sobre a relação entre a economia e a psicologia, ou seja, como os fatores econômicos interferem sobre os seres humanos, constituindo a subjetividade humana. Afinal, entende-se que os aspectos ou os padrões econômicos interferem ou/e modificam as relações das pessoas consigo mesmas, com as outras e também com a natureza – o meio ambiente. Uma sociedade tende a se fortalecer socialmente, culturalmente e em suas relações de vida quando as pessoas se conhecem e se reconhecem como membros de uma coletividade. Da mesma forma, quando estas têm melhor compreensão de si mesmas, de sua história, de suas necessidades e de seus desejos com a possibilidade de poderem ter a liberdade para também se expressarem, é possível, assim, se sentirem pertencentes a uma sociedade. Destarte, ao integrar e de fato estabelecer relações de pertencimento, pressupõe-se que há a motivação para a colaboração ao bem-estar desta sociedade, fortalecendo-a e levando-a ao bem-estar social, político e econômico. Para este estudo, primeiramente foi analisado alguns aspectos do conceito de economia ao longo da histórica da sociedade humana; destaca-se a relação das pessoas com os aspectos da sobrevivência e com o tempo, além de como a economia influencia psicologicamente as pessoas em suas relações, conduzindo ao desenvolvimento da principal questão desta pesquisa: quais são as influências da economia sobre os indivíduos, suas subjetividades exteriorizadas em seus modos de vida e, consequentemente, seus reflexos na sociedade.

**Palavras-Chave**: Desenvolvimento. Subjetividade. Sociedade

ABSTRACT

This article addresses the topic of the relationship between economics and psychology, that is, how economic factors interfere with human beings, constituting human subjectivity. After all, it is understood that economic aspects or economic patterns interfere or / and modify people's relationships with themselves, with others and also with nature - the environment. A society tends to strengthen itself socially, culturally and in its relationships of life when people know each other and recognize themselves as members of a collectivity. In the same way, when they have a better understanding of themselves, their history, their needs and their desires with the possibility of being able to have the freedom to express themselves, it is possible, thus, to feel belonging to a society. Thus, when integrating and in fact establishing relationships of belonging, it is assumed that there is the motivation for collaboration to the well-being of this society, strengthening it and leading it to social, political and economic well-being. For this study, the concept of economy throughout the history of human society was first analyzed; the relationship of people with aspects of survival and time stands out, as well as how the economy psychologically influences people in their relationships, leading to the development of the main question of this research: what are the influences of the economy on individuals, their subjectivity externalized in their ways of life and, consequently, their reflexes in society.

.

**Keywords**: Development. Subjectivity. Society

# 1 INTRODUÇÃO

A sociedade humana se constitui e se caracteriza, fundamentalmente pelas relações que as pessoas estabelecem entre si, com os outros e com o ambiente. A partir dessa interação entre os seres humanos, constitui-se a subjetividade que na abordagem psicanalítica é entendida como a singularidade de cada ser. Sendo as primeiras referências para este processo de formação, as figuras parentais e, mais tarde, os vetores da cultura, como, o mercado, trabalho e outros que produzem implicações no modo de ser do sujeito (DINIZ, et al, 2017).

Para que seja possível o surgimento de uma sociedade organizada política e economicamente, há a necessidade da constituição de relações minimamente de confiança entre humanos (ARRUDA, 2001). Assim, é possível proporcionar a convivência de uma coletividade. Afinal, é nas relações com o Outro[[4]](#footnote-4) que expressamos nosso "mundo interior", nos desenvolvemos psicologicamente e nos organizamos socialmente e, dentro desta organização, construímos uma civilização baseada também em práticas econômicas.

Assim, considerando que a economia influencia na formação da subjetividade humana e que esta reflete na formação de uma sociedade, cabe perguntar: como os aspectos econômicos e hegemônicos na contemporaneidade impõem formas de subjetivação que incidem na multiplicidade de formas na vida das pessoas, nas relações humanas e como isso impacta na dinâmica social, local e regional?

Os seres humanos são essencialmente sociais, ou seja, se comunicam através da linguagem verbal e não verbal, estabelecem contato entre si e se organizam em sociedades estruturadas economicamente e politicamente, dentre outras esferas sociais. Ao longo da história da sociedade humana, as formas pelas quais as sociedades concebiam seus modos de vida foram se modificando e alcançando certos níveis de desenvolvimento.

Assim, na esfera social, compreender uma sociedade, e mais especificamente, como as pessoas se constituem enquanto sujeitos e de que maneira se forma a sua subjetividade e, outrossim, como organizam as relações sociais, permite entender a dinâmica de funcionamento desta sociedade e suas condições de vida.

A economia é o resultado do processo no qual as pessoas se baseiam em suas relações de subsistência ou de sobrevivência. Neste contexto, as relações sociais no fator econômico caracterizam a subjetividade dos sujeitos, e por meio destas, os indivíduos mudam seus modos de vida, e assim, as sociedades se organizam e permitem aos seus habitantes a subsistência.

Quanto mais organizada uma sociedade está sob o ponto de vista social, cultural e econômico, maior tende a ser seu tempo de existência. Dessa forma, a compreensão das relações econômicas, tanto local quanto a nível global, é fundamental para conhecer a dinâmica organizacional da sociedade. Dessa forma, questiona-se: como a dinâmica econômica influencia a formação da subjetividade humana e a partir disso, como os indivíduos se organizam socialmente?

A economia, se relacionada com a política no sentido de que as decisões que regem uma sociedade são tomadas a partir desta inter-relação, modificando nos sujeitos suas crenças, pensamentos e visões de mundo, caracterizando assim, suas condições de vida.

Assim, o objetivo deste artigo é investigar as relações entre economia e psicologia como forma de melhor compreender a vida e as condições das pessoas, bem como aspectos que implicam no desenvolvimento local e regional.

Para isso, o artigo voltou-se aos objetivos de identificar as características subjetivas da formação econômica da sociedade contemporânea para sistematizar as principais contribuições de alguns autores referente à constituição das civilizações com base na economia e nas relações dos seres humanos neste contexto; e assim compreender como as relações subjetivas, principalmente econômicas, afetam psicologicamente a vida das pessoas.

Assim, a pesquisa qualitativa permeia este artigo ao analisar materiais já publicados que norteiam o estudo do tema e que percorre sobre os conceitos de economia e o comportamento humano, frente aos fatores econômicos presentes nas ações sociais.

O método científico utilizado para este estudo é o Método Fenomenológico que, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), consiste em mostrar o que é dado, esclarecendo-se aquilo que é visto mediante à consciência do analista. É a descrição das experiências vividas pelos sujeitos que, nesta pesquisa, são coletados em publicações que abordam o fenômeno das relações sociais, manifestadas por meio da subjetividade, formada a partir do sistema econômico que caracterizam as condições de vida dos indivíduos.

* 1. **História e conceituação de economia**

Para compreender a sociedade contemporânea é necessário conhecer a organização da produção, da distribuição, do consumo, bem como, a dinâmica da economia em escala global e como esta influencia ou impacta a vida das pessoas nas escalas locais e regionais a partir da conceituação da economia.

A etimologia do vocábulo economia, tem sua origem no grego, *oikonomía*: *oikos,* que significa casa, moradia e *nomos que* significa administração, organização, distribuição das coisas da casa (ARTHMAR; BRADY; SALLES, 2010). Ou seja, para os gregos antigos, o sentido da economia era prover a casa – as pessoas de condições, especialmente, na alimentação, segurança e espaço de convivência. Pensar e executar o trabalho vinculava-se, primeiramente, para abastecer a casa das condições essenciais de sobrevivência, dentre estas, de alimentos, a fim de garantir a subsistência dos componentes da família.

Ainda, na Antiguidade, segundo Tabone (2012), a cidade antiga era uma associação política, que visava o abastecimento de itens básicos à sobrevivência (do Estado e dos cidadãos) e também para os períodos de guerra. Não havia uma política de exportação que procurasse escoar, de forma vantajosa a produção da cidade. Portanto, a economia possuía uma dimensão fundamental para a promoção da vida, ou seja, vinculava-se a prover e administrar as necessidades de sobrevivência das pessoas e das comunidades.

Para os gregos, a cidade levava em conta os interesses econômicos dos cidadãos enquanto consumidores, não como produtores de mercadorias. Com isso, as atividades econômicas estabeleciam uma relação com a vida política e a prática econômica com esta, regida por uma ética ligada a *polis* (TABONE, 2012).

Ao longo da evolução dos estágios da economia, Pauli et al (2016) ao analisar a obra *A Grande Transformação*, de Polanyi, destacam que a economia está enraizada nas relações sociais, políticas, culturais e religiosas, e suas funções limitavam-se ao autoconsumo e à subsistência. Porém, isso muda na modernidade, quando o dinheiro passa a ser utilizado como o elemento equivalente geral das trocas e dinamizador das relações de mercado.

De acordo com Pauli et al (2016), considera-se que a integração econômica da sociedade está condicionada por quatro princípios econômicos: reciprocidade, redistribuição, domesticidade e mercado. A redistribuição está relacionada à contribuição dos membros de uma determinada sociedade para que a produção fosse armazenada e administrada pelo Estado, que tinha a tarefa de zelar pelo provimento dos recursos, principalmente de subsistência ao grupo.

Já ao que se refere a modernidade e seu funcionamento econômico, Marx (2018), faz referência ao capital, no qual nasce na intermediação da relação Mercadoria / Dinheiro / Mercadoria, pois antes, quando não existia o dinheiro, as mercadorias eram trocadas diretamente por outras mercadorias. O capital nasce "com fome de crescer e se alimentar" por meio da ganância do próprio capitalista, que se põe a serviço do capital.

Para Marx (2018), o dinheiro por si mesmo não gera dinheiro, mas advém (o capital) da exploração da força de trabalho, ou seja, é na mais-valia que se gera o excedente para o capitalista. O ouro só se transformou em dinheiro porque transformou-se em mensurador das mercadorias.

Na sociedade contemporânea, na qual Marx (2018) caracteriza a dinâmica entre trabalho, mercado e demanda, o ser humano se encontra como aquele ajustado às necessidades de produção. Porém, qual a implicação ou a relação desta configuração com a subjetividade dos sujeitos e seus impactos na sociedade como um todo?

Dejours (1992), analisa esta relação: do homem e da economia - trabalho -, na modernidade, com a industrialização e a vida voltada ao ofício. Ao analisar esta relação, o autor aborda a questão do trabalho e do adoecimento, considerando alguns elementos marcantes como, a duração do trabalho que atinge correntemente 12, 14 ou mesmo 16 horas por dia e os salários que são, em geral, muito baixos e insuficientes para assegurar o necessário à subsistência das pessoas.

A relação dos estudos de Dejours (1992) com a sociedade contemporânea pode ser constada por meio de pesquisas e dados divulgados. Como exemplo desta correlação, o IPEA – instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2019), apontou para o aumento de 1% no desemprego, eleva a taxa de homicídios em 1,8% de acordo com um estudo inédito para entender como oportunidades educacionais e de trabalho, para homens entre 15 e 65 anos, afetaram a quantidade de homicídios. Este estudo revela dados significativos ao que Dejours (1992) ressalta como consequências da falta de trabalho e/ou oportunidade na sociedade, na qual a maioria dos indivíduos vivenciam tal situação.

Esta mesma pesquisa do IPEA (2017) analisou o grupo masculino devido a maior probabilidade deste com o envolvimento em crimes. Segundo os dados, estes mostram que dos 35,7 mil jovens assassinados no Brasil em 2017, 94,4% eram do sexo masculino.

A conclusão do estudo do IPEA (2017) apontou que a taxa de atendimento escolar à população de sua respectiva faixa etária também tem relação com a taxa de homicídios, ou seja, a cada 1% a mais no atendimento escolar de jovens entre 15 e 17 anos, os homicídios caem 1,9%. Dessa forma, compreende-se que um maior acesso à escola contribui para diminuir a violência.

A análise de Dejours (1992), levanta a questão da necessidade de se olhar para o trabalhador como um ser humano, que tem suas necessidades básicas ou primárias e que o modo de produção capitalista, voltado aos padrões econômicos, muitas vezes, subjuga esses trabalhadores, levando-os ao adoecimento físico, mental ou psicológico, comprometendo as relações sociais. Isso, também pode comprometer as dimensões da economia – base do funcionamento das sociedades.

## **1.2 Psicologia e Economia: da formação das civilizações à contemporaneidade**

A partir do entendimento de que a sociedade humana é formada a partir das relações sociais, políticas e econômicas, estabelece-se as bases econômicas que influenciam na formação da subjetividade humana, expressa em forma de crenças, valores e práticas. Questiona-se, então, como a economia influencia os modos de vida dos sujeitos e qual o seu impacto aos seres humanos na contemporaneidade?

Portanto, o estudo das obras de autores como Freud (1996), Hannah Arendt (2007) e Bauman (2010) nos permite conjecturar o que constitui os seres humanos – sua subjetividade – e como estes se organizam de forma social, política e econômica na sociedade.

Em seus escritos, *O mal-estar da civilização*, Freud (1996), discorre sobre as discrepâncias existentes entre os pensamentos das pessoas e suas ações, assim como, a diversidade de seus impulsos plenos de desejo e a como tudo isso reflete na sociedade.

Nesta dinâmica, Freud (1996) explica que, aos sujeitos, suas percepções, pensamentos e sentimentos – lhe parecem estranhos e não pertencentes a seu ego; e também que há outros casos em que a pessoa atribui ao mundo externo eventos que se originam em seu próprio ego e, que por este, deveriam ser reconhecidas, e que ao permanecer a alienação do homem sobre si mesmo, o seu próprio ego acaba ficando sujeito a distúrbios.

Freud (1996) esclarece que, os sujeitos, se esforçam para obter felicidade – a felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica; - e, para isso, procura-se evitar o sofrimento, buscando a experiência de intensos sentimentos de prazer. Assim, o que decide o propósito da vida é o princípio do prazer. Esse princípio, segundo Freud (1996), domina o funcionamento do aparelho psíquico.

Em relação à felicidade e infelicidade, Freud (1996) explica que, na possibilidade de felicidade, esta está restrita por nossa própria constituição. Em contrapartida, a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento ameaça a partir do próprio corpo (condenado à decadência e à dissolução); do mundo externo que pode voltar-se contra os indivíduos com forças de destruição esmagadoras e impiedosas e; dos relacionamentos com os outros seres humanos. Para Freud (1996), o sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro.

 Dessa forma, contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, as únicas saídas para evitá-lo, pode se dar de duas formas: pelo isolamento voluntário que levaria à felicidade da quietude ou o de tornar-se membro da comunidade humana (FREUD, 1996).

A maioria dos seres humanos procura o convívio com outros seres humanos, formando grupos e estabelecendo regras de convivências. Para Arendt (2007), em sua análise sobre a condição humana, a autora refere-se aos seres humanos como seres gregários e políticos que buscam através de suas ações, fazer coisas que sejam reconhecidas pelos outros.

Nessa dinâmica, Arendt (2007) se utiliza da expressão *Vita Activa*, ao se referir as três atividades fundamentais dos seres humanos: labor, trabalho e ação. São essas três atividades consideradas como as condições básicas do homem na terra. O labor seria a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano e o trabalho, aquele que corresponde ao artificialismo da existência humana. É através do trabalho que, segundo Arendt (2007), resulta a construção da humanidade.

Já a ação para Arendt (2007), pode ser considerada como a única atividade que se exerce entre os homens sem a mediação das coisas da matéria. Ainda para esta autora, todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos, mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens.

A ação, para Arendt (2007), está implicada em todos os aspectos da condição humana e assim, por sua vez, tem relação com a política e dessa forma, para além de uma simples natureza humana, a condição humana é a soma total das atividades e capacidades aplicáveis às coisas dotadas de qualidades naturais.

Assim, levando-se em conta as considerações de Arendt (2007) sobre a tendência dos homens de serem animais gregários, estes de alguma forma, irão procurar meios de ocupar um lugar nesta condição. Dessa forma, Freud (1996), adverte que todo homem tem de descobrir, por si mesmo, de que modo específico ele pode ser salvo (ocupar o seu lugar neste contexto).

Segundo Freud (1996), a religião restringe esse jogo de escolha e adaptação dos sujeitos, ao impor igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento. Levando os sujeitos a um estado de infantilismo psicológico arrastando-os a um delírio de massa.

Para Freud (1996), a liberdade está relacionada ao mecanismo da sublimação posta em prática; a sublimação do instinto constitui um aspecto do desenvolvimento cultural, que torna possível as atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, ocupando o desempenho um papel importante na vida civilizada.

Assim, de acordo com Freud (1996), a vida comunitária dos seres humanos teve um fundamento duplo: a compulsão para o trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor, que fez o homem relutar em privar-se de seu objeto sexual – a mulher. E a mulher, em privar-se daquela parte de si própria que dela fora separada – seu filho.

Dessa forma, nas considerações de Freud (1996), *Eros e Ananke* (Amor e Necessidade) tornaram-se os pais também da civilização humana. E, como esses dois grandes poderes cooperaram para um número grande de pessoas viverem reunidas numa comunidade, poder-se-ia esperar que o desenvolvimento ulterior da civilização progredisse sem percalços, no sentido de um controle ainda melhor sobre o mundo externo e na ampliação do número de pessoas incluídas na comunidade. Porém, se torna difícil compreender, segundo Freud (1996), como essa civilização pode agir sobre os seus participantes de outro modo, senão, o de torná-los felizes.

Freud (1996), na tentativa de compreender a formação da civilização, pondera que as pessoas dão o nome de amor ao relacionamento entre um homem e uma mulher, cujas necessidades genitais os levaram a fundar uma família; também dão esse nome aos sentimentos positivos existentes entre pais e filhos, e entre os irmãos e as irmãs de uma família. No decurso do desenvolvimento, porém, a relação do amor com a civilização se coloca em oposição aos interesses da civilização e esta ameaça o amor com restrições substanciais.

Essa incompatibilidade entre amor e civilização parece inevitável e sua razão para Freud (1996) não é reconhecível, parece como um conflito entre a família e a comunidade maior a que o indivíduo pertence.

Os homens, consoante com Freud (1996), são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. O seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém pelo qual tenta satisfazer seus desejos por meio da sua agressividade, da exploração de suas capacidades de trabalho sem compensação; utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo – *Homo homini lupus.* Freud (1996) compara o homem a uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho ao se reportar a história da humanidade e as guerras já travadas.

A existência da inclinação para a agressão, em conformidade com Freud (1996), pode ser detectada em nós mesmos e a suposição de que a justiça está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio de energia. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração, isso porque o interesse pelo trabalho em comum não a manteria unida; as paixões instintivas são mais fortes que os interesses razoáveis (FREUD, 1996).

Economicamente, para Freud (1996), se a propriedade privada fosse abolida, possuída em comum toda a riqueza e permitida a todos a partilha de sua fruição, a má vontade e a hostilidade desapareceriam entre os homens, pois isso possibilitaria que as necessidades de todos fossem satisfeitas, e o outro não seria encarado como inimigo; assim, todos, de boa vontade, empreenderiam o trabalho que se fizesse necessário.

Já para Arendt (2007) ao se referir ao pensamento grego, explica que a capacidade humana de organização política significava viver numa *polis*, onde tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não através de força ou violência. Portanto, para os gregos, forçar alguém mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da *pólis*, característicos do lar e da vida em família, na qual o chefe da casa imperava.

Ainda, Arendt (2007), faz uma distinção entre uma esfera de vida privada e uma esfera de vida pública, como entidades diferentes. A ascendência da esfera social que não era nem privada, nem política – no sentido restrito do termo – é um fenômeno relativamente novo, cuja origem coincide com o surgimento da era moderna e que controla sua forma política no Estado Nacional.

Para compreender melhor a prática da política, segundo o pensamento político do século XVII, Arendt (2007), afirma que o poder pré-político era aquele no qual o chefe da família reinava sobre a família e seus escravos; a prática de subjugar o outro se justificaria pelo fato dos seres humanos serem animais sociais antes de animais políticos. Dessa forma, um governo estabelecido através do monopólio do poder e da violência era considerado como pré-político pertencente à esfera privada e não à esfera pública.

No entendimento de Freud (1996), as premissas psicológicas, em que o sistema econômico da civilização se baseia, seriam uma ilusão insustentável. A civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois raças, povos e nações numa única grande unidade, a da humanidade. Essas reuniões de homens, para Freud (1996), devem estar libidinalmente ligadas umas às outras, pois a necessidade e as vantagens do trabalho em comum, por si sós, não manteriam a humanidade unida.

Freud (1996) lembra que, o natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um, se opõe a esse programa da civilização. O instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, que está lado a lado de Eros e, que com este, divide o domínio do mundo.

Assim, o significado da evolução da civilização deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como esta se elabora na espécie humana. Dessa forma, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida (FREUD, 1996).

No mundo moderno, as esferas social e política diferem muito menos entre si pelo fato de que a política é apenas uma função da sociedade em que a ação, o discurso e o pensamento são fundamentalmente superestruturas e assentadas no interesse social (ARENDT, 2007).

A ascensão da sociedade, com o declínio da família, indica no pensamento de Arendt (2007), que o que ocorreu foi a absorção da família por grupos sociais correspondentes, sendo que um fator decisivo para este acontecimento é que a sociedade, em todos os seus níveis, exclui a possibilidade de ação que antes era exclusiva do lar doméstico. A sociedade espera de cada um dos seus membros certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas tendentes a normalizar os seus membros, a fazê-los comportarem-se e abolir a ação espontânea ou a reação inusitada.

Com isso, surge a sociedade de massas, indicando que os vários grupos sociais foram absorvidos por uma sociedade única, a qual abrange e controla, igualmente e com igual força, todos os membros da comunidade (ARENDT, 2007).

Portanto, como destaca Arendt (2007), quando os homens se tornaram seres sociais e passaram a seguir unanimemente certas normas de conduta, a economia, que até a era moderna não constituía a parte excepcionalmente importante da ética e da política, veio a adquirir caráter científico.

Segundo Arendt (2007), na sociedade de massas, o homem como animal social reina supremo, e onde aparentemente, a sobrevivência da espécie poderia ser garantida em escala mundial, pode, essa mesma dinâmica, ameaçar a sociedade e levar à extinção da humanidade.

Segundo o raciocínio de Arendt (2007), não seria difícil suportar o número de pessoas que a sociedade de massas abrange, mas sim o fato da negação do mundo como fenômeno político, o qual pode arruinar uma sociedade, que de acordo com a autora, foi o que sucedeu após a queda do império romano e, embora por motivos bem diferentes e de forma muito diversa e talvez bem mais desalentadora, parece estar ocorrendo novamente no nosso próprio tempo.

**1.3 CAPITALISMO NEOLIBERAL E A subjetividade**

Compreender a relação dos sistemas de mercado e como esta influencia na formação da subjetividade e, consequentemente, como isso reflete nas condições de vida dos indivíduos, é importante para entender o sistema capitalista neoliberalista.

Dessa forma, para Silva et al (2019), o objetivo do neoliberalismo, é o afastamento do Estado dos assuntos sociais e econômicos, por meio da privatização das instituições. O surgimento do neoliberalismo ocorreu entre os anos 1960 e 1970 com a sua implementação a partir das décadas de 1970 e 1980, na Inglaterra, com Margareth Tatcher e nos Estados Unidos com o então presidente Ronald Reagan (Setti, 2002 apud Silva et al, 2019). No Brasil, considera-se que o neoliberalismo iniciou a partir dos anos 1990, principalmente, com os governos de Fernando Collor de Mello e de Fernando Henrique Cardoso.

Alguns fatos históricos que deram um impulso para que o neoliberalismo se difundisse foi por conta da crise do regime de acumulação capitalista, associados às condições políticas mundiais, dentre elas as disputas entre capitalismo e socialismo, manifestado pela Guerra Fria, reorganização do capitalismo na forma de neoliberalismo (Setti, 2002 apud Silva et al, 2019).

Com o desenvolvimento dos ideais neoliberais e sua implementação com intuito de resolver a crise financeira, acarretou, entretanto, em outras questões como a desigualdade, advinda da instabilidade empregatícia e o desmantelamento da proteção e direitos sociais, previstos e assegurados constitucionalmente.

Todas essas mudanças neoliberais alteram as relações entre as pessoas, dando espaço a novos modos de subjetivação – a chamada subjetividade neoliberal, a partir de um novo modelo de relações de classes, a uma nova forma de ideologia democrática e a um determinado modelo de Estado, facilitando a sua perpetuação para além dos limites econômicos, transformando-o no senso comum do nosso tempo (Otranto, 1999 apud Silva et al, 2019).

Em relação à subjetividade capitalística, Reishoffer e Bicalho (2009 apud Silva et al, 2019) afirmam que esta se trata de uma produção de sujeitos serializados, normatizados, modelizados de acordo com os padrões econômicos dominantes. Um dos fatores resultantes desta nova produção de subjetivação, como observa Silva et al (2019), é a ideia de liberdade individual que tem relação muito próxima com a defesa de uma liberdade de mercado, ou seja, a ideia de liberdade individual sugere que o indivíduo pode alcançar aquilo que almeja (trabalho, ascensão social, sucesso e realização profissional e pessoal) sem depender de outrem (incluindo aqui o Estado) e com o desdobramento da propagação desta ideia de liberdade individual tem-se a ideia de empreendedorismo, que é amplamente difundida pelo neoliberalismo.

O aprofundamento do entendimento do sistema neoliberal proporciona uma melhor compreensão da produção da subjetividade. Destarte, Dardot et al (2016), analisam o termo neoliberalismo tanto aquele que se refere a uma ideologia que defende um “retorno” ao liberalismo originário quanto a uma política econômica de retração do Estado, que abre ainda mais espaço ao mercado. A economia, para os autores, nesta base, caracteriza-se pela transformação da competição das atividades de produção, com a expansão e intensificação da concorrência pela mundialização.

Essa intensificação da concorrência, de acordo com Dardot et al (2016), se dá por meio da inovação, na qual um número crescente de atividades se encontra submetida tanto à competição quanto à concorrência de preços.

Dardot et al (2016), afirmam que para pôr e manter os indivíduos em concorrência, e obter deles o máximo desempenho, é preciso estabelecer um preço sobre o que eles fazem e mesmo sobre o que eles são através da avaliação quantitativa, que é uma forma de controlar os indivíduos, fazendo com que os mesmos pensem que os objetivos, os quais estão a cumprir, se originam de seus próprios desejos e não como algo externo que lhes tenha sido atribuído (DARDOT ET AL, 2016).

A existência do sujeito *assujeitado* à lógica neoliberal caracterizada por sua relação com o que o excede, por seu impulso ao excesso e por estar fora de seus limites, que não para de causar estresse, depressão, drogadição, suicídio, ataques de pânico e outros sintomas, são fatores que impactam a vida dos indivíduos na sociedade (DARDOT ET AL, 2016). Esses impactos que advém do sistema econômico relacionados com a formação da subjetividade humana, tem íntima relação com fatores sociais e políticos. Afinal, é da relação que se estabelecem em uma sociedade que os sujeitos se desenvolvem socialmente e, consequentemente, as mudanças envolvendo esta irão refletir nos modos de vida dos indivíduos.

**1.5 Economia, subjetividade e meio ambiente**

O cenário atual que configura a economia dominante e nosso modo de vida se caracteriza, bem como pontuado pelos autores citados neste artigo, como uma sociedade do mal-estar, na qual, luta-se pelos direitos dos humanos, dos animais e da natureza em sua totalidade. Diante disso, demanda-se atenção dos governantes, porém, não conseguem atender às necessidades da sociedade ao que se refere ao seu bem-estar.

O adoecimento e a desigualdade social prevalecem e, não são apenas os indivíduos desta sociedade que vivenciam o mal-estar da civilização, mas, também, o meio ambiente, o qual para manter a civilização e a economia, é explorado e, por vezes, manifesta ao seu modo. São vários danos ambientais causados, desde em escala local até a devastação dos grandes biomas, por exemplo. Isto gera consequências, tais como o efeito estufa, extinção de animais e proliferação de vírus como o novo coronavírus, que causa a doença da Covid-19 e que se espalhou pelo mundo em 2020 (BRASIL, 2020)

O novo Coronavírus (identificado como Covid-19) trouxe muitas mudanças globais decorridas de sua propagação no final do ano de 2019, na China, chegando ao Brasil em 2020, de acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020). Uma dessas mudanças refere-se ao cotidiano dos indivíduos. A Covid-19, forçosamente, mudou o modo de vida das pessoas e, consequentemente, impactou a economia global.

Este impacto na economia influenciou a vida psíquica das pessoas, uma vez que mostra o quanto os seres humanos, apesar do avanço da ciência e tecnologia, não conseguem controlar a natureza, principalmente quando fazem uso abusivo de seus recursos, não para sobreviver, mas para ostentar um modo de vida – capitalista, tornando a sociedade frágil dentro deste mal-estar geral da civilização. Segundo Krenak (2020), exploramos a Terra, tirando dela pedaços, removendo montanhas, fazendo uso da água, do solo, através da atividade “antiga” que é a agricultura de forma exaustiva.

Em contrapartida, Krenak (2020) discorre sobre a perspectiva dos povos indígenas, pautados no modo do Bem Viver, que, para o autor, é definido como a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver sem incorrer na desigualdade que leva a exploração.

Da mesma forma, Bauman (2010) também alude a essa exploração, em seu livro, Capitalismo Parasitário (2010), o autor afirma que o sistema capitalista se destaca por criar problemas e não por solucioná-los, e assim o caracteriza como um sistema parasitário. Assim, como todos os parasitas, estes podem prosperar durante certo período, desde que encontrem um organismo ainda não explorado que lhes forneça alimento; porém não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência.

O Bem Viver, para Krenak (2020), remete ao estado de estar equalizado com o corpo da Terra, vivendo com inteligência, o qual o mesmo explica “...nesse organismo que também é inteligente, fazendo essa dança, que já me referi a ela como uma dança cósmica”. O autor, ainda lembra que a vida não é somente no Planeta Terra, mas para além dela, denominando esse conceito de cosmovisão citada pelos Yanomami e Guarani (povos indígenas), sendo essas tradições referentes a uma narrativa de criação de mundo. Assim, o autor considera que a Terra é um organismo vivo, e isso distingue o que é bem-estar do que é Bem Viver.

Ao explicar a Terra, Krenak (2020), afirma que nós, seres humanos, temos que entender que esse organismo maravilhoso – a Terra, é inteligente e tem uma potência fantástica, mas “ofendido com a nossa grosseria, pode apagar a gente”.

Krenak (2020) nos alerta sobre a relação que estabelecemos com a natureza, e a forma como esse “organismo vivo” reage diante das nossas ações. Se a humanidade continuar a se relacionar com a Terra, da forma como está a fazer para manter a civilização baseada na economia capitalista, não apenas sofrerá com o adoecimento, mas a Terra também. Porém a grande diferença é que o final desta história se torna mais trágica aos seres humanos com a sua extinção; pois, como sobreviver sem os bens naturais que a cada dia tornam-se mais escassos? Por sua vez, a Terra permanece e se regenera, ainda tem o tempo necessário para se regenerar, os seres humanos, por sua vez, não.

O que torna tão difícil aos seres humanos mudar sua vida deste modelo capitalista? - Bauman (2010) contribui explicando que a produção contínua de novas ofertas e o volume sempre ascendente de bens oferecidos reacendem, constantemente, o desejo dos indivíduos de substituir seus bens por outros novos e melhorados; reforçando o estilo consumista de vida.

Para poder se manter neste estilo consumista de vida, os indivíduos necessitam e passam a viver do crédito, que gera dependência. Inseridos neste contexto capitalista, os indivíduos se veem emaranhados neste sistema que lhes tira a liberdade, pois ao mesmo tempo que se facilita o crédito por meio de empréstimos, financiamentos, cartões e que por hora proporciona a esses indivíduos a satisfação do consumismo, por outro, estes mesmos indivíduos se veem presos em uma armadilha; acabam também se emaranhando cada vez mais para conseguir mais crédito para pagar seus débitos e perpetuar este ciclo sem fim do sistema capitalista.

Conforme Baumam (2010) o “devedor ideal” é aquele que jamais paga integralmente suas dívidas, pois como o desaparecimento de pessoas descalças representa um problema para a indústria de calçados, o desaparecimento de pessoas não endividadas representa um desastre para a indústria de crédito.

 Dessa forma, as pessoas tornam-se escravas do consumismo deste sistema capitalista na sociedade do mal-estar, que gera uma satisfação momentânea e passageira, obrigando a todos a consumir mais para garantir o mínimo de satisfação e, assim, explorar cada vez mais este planeta para poder, num ciclo sem fim, produzir mais. Esse ciclo perpetuado pelo capitalismo pode gerar, em breve, um desastre sem proporções e levar ao fim a existência humana.

Sobre isso, Krenak (2020), destaca que o ser humano é apenas um dentre os bilhões de outros seres que habitam o Planeta, sendo que já extinguiu uma lista de espécies, apenas os seres humanos, não entram na lista ainda, porém, da forma como se relaciona com o Planeta, está, como afirma o autor, reivindicando um direito de entrar na lista.

Em sua outra obra: O Amanhã não está a Venda, Krenak (2020), expressa o comparativo do isolamento entre as pessoas na civilização e as pessoas nos povoados indígenas, e levanta a seguinte questão: “Como posso explicar a uma pessoa que está fechada há um mês num apartamento, numa grande metrópole o que é o meu isolamento?” – E completa: “Desculpem dizer isso, mas hoje já plantei milho, já plantei uma árvore”.

Na análise de Krenak (2020), as pessoas na civilização vivem reféns desse sistema econômico, no qual as prende e lhes tira a liberdade. A mudança do modo de vida, para aqueles que estão inseridos neste sistema econômico, se torna difícil, como um caminho sem volta. Poucos seriam os corajosos dispostos a sair desse sistema e mudar completamente seu estilo de vida.

Apesar do mal-estar que a civilização provoca nos indivíduos, a falsa segurança de que estão protegidos dentro desse sistema e que dependendo desta se mantém reféns, os leva a pensar que é assim, e que deve ser assim. Por outro lado, a mudança para aqueles que se encontram fora desse sistema é aceitável e fácil.

Para recuperar, regenerar a Terra e sair desse estado de mal-estar na civilização para viver o Bem Viver, Krenak (2020), propõe uma única saída: “Pois teríamos de parar todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a cem quilômetros nas margens direita e esquerda, até que ele voltasse a ter vida. Então um deles me disse: mas isso é impossível. O mundo não pode parar. E o mundo parou”.

Krenak (2020) lembra que, o que se vive hoje é uma consequência da exploração do planeta, da devastação, em que a Terra não pode mais suportar a demanda, e se continua a cavar um fosso gigantesco de desigualdades entre povos e sociedades, através dos modos de vida na civilização.

Uma das consequências desse comportamento para com a Terra, segundo Krenak (2020), é a Covid -19: “E temos agora esse vírus, um organismo do planeta, respondendo a esse pensamento doentido dos humanos com um ataque à forma de vida insustentável que adotamos por livre escolha, essa fantástica liberdade que todos adoram reinvidicar, mas ninguém se pergunta qual o seu preço”.

Krenak (2020) afirma que como seres humanos, “somos piores que a Covid-19”, porque enquanto há listas de espécies em extinção e enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, detruíndo florestas, rios e animais.

A economia, para Krenak (2020) é uma atividade inventada pelos humanos e que depende dos próprios seres humanos, ou seja, se por ventura os humanos estão em risco, qualquer atividade humana deixa de ter importância.

Porém, mesmo assim, para a civilização é como se fosse ao contrário, como se a economia surgisse antes dos seres humanos, e como se os seres humanos dependessem dela e, com isso, se deixassem dominar por este sistema econômico competitivo.

Em relação a este sistema econômico, Krenak (2020) aborda a questão de para os governantes, a perda daqueles que representam gastos seria ótimo, no sentido de deixar morrer os que integram os grupos de risco (referência as perdas das pessoas contaminadas pela Covid-19). Essa referência de Krenak, ilustra os excluídos em Bauman e Hannah, e também com a base competitiva do sistema econômico neoliberalista, onde a desigualdade é uma característica.

**2. Considerações finais**

 A sociedade contemporânea está pautada no sistema capitalista neoliberalista que abriu as fronteiras de mercado, internacionalizando a economia. Neste sistema, o constante aperfeiçoamento do trabalhar é o que o torna cada vez mais competitivo e dependente deste sistema. A dependência toma uma dimensão cada vez maior devido às possibilidades e comodidade de se fazer empréstimos e empreendimentos, até mesmo a longo prazo, com o objetivo de tornar o modo de vida mais confortável: aquisição de bens (imóveis, veículos, plano de saúde), porém em contrapartida, a liberdade do indivíduo de mudar seu modo de vida moldada, no então sistema neoliberalista lhe tira a liberdade, afinal, tudo tem um preço, e o preço para estar neste sistema neoliberalista é o esforço em alcançar, cada vez mais, o conforto e a segurança, isto limita os indivíduos em suas ações, tornando-os reféns de seus desejos de consumo.

De outra forma, também, manter os desejos do conforto e segurança por meio do trabalho, além de tirar a liberdade, traz as consequências do sofrimento psíquico e físico: o cansaço, as doenças crônicas e os transtornos mentais, conduzem esse indivíduo a sua própria armadilha – a dependência do Estado para o tratamento da sua saúde e, com isso, a necessidade de se manter neste sistema para poder ter o acesso ao tratamento. Este cenário gera um ciclo vicioso e sem fim, pois a procura de maior segurança (acesso ao conforto), leva o indivíduo a menor liberdade.

Essa situação, como muitas outras, reflete no comportamento dos indivíduos, que pode se apresentar pela insatisfação, agressividade e violência. A agressividade e a violência podem tomar duas dimensões: aquela voltada ao próprio indivíduo e/ou aquela voltada ao outro. Dessa forma, na sociedade, não é incomum o relato de violência praticada entre os indivíduos, levando-os a atos até mesmo de homicídio.

A agressividade e a violência se manifestam de várias formas: desde a violência física, que deixa marcas no corpo, como também o assédio moral que se caracteriza pela comunicação violenta, ou seja, o desrespeito, a injúria e a calúnia – demonstrações de intolerância que escondem a satisfação de algo que oprime, que leva o indivíduo a seu limite e que dificultada o seu autocontrole no relacionamento social, familiar e profissional.

Assim, a economia capitalista hegemônica, impacta psicologicamente os indivíduos no sentido de os tornar limitados em suas escolhas e no direito de participação na sociedade, afinal, se fosse diferente, o comportamento dos indivíduos seria caracterizado pela sua plena participação na sociedade, nas decisões políticas e modos de vida economicamente estabelecidos a partir desse norte de escolhas de condições de vida.

A falta de liberdade, a subjugação e o uso da força na sociedade norteada no discurso da segurança, leva à exploração do trabalho e do meio ambiente, impossibilitando uma sociedade com liberdade em um ambiente sustentável.

A condição humana contemporânea moldada no sistema econômico atual conduz a humanidade não apenas a um adoecimento físico e psicológico, mas também a destruição da própria sociedade com o esgotamento, ainda do que lhe resta, dos bens naturais.

Diante desse cenário, há necessidade, primeiramente, de compreender a história da sociedade humana, bem como, sua organização social política e econômica para então ao rever as atuais condições humanas, propor um novo sistema econômico voltado ao bem-estar da sociedade, diferente do sistema econômico atual voltado ao mercado cada vez mais consumista.

# REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. A condição Humana. 10 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007

ARRUDA, Francimar Duarte. A intersubjetividade contemporânea: os desvalidos de Eros. Perspectiva. Florianópolis,v.19, n.2, p. 389-403, jul./dez.2001. Disponível em: < https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10342/9620> Acesso em: 02 fev. 2021

ARTHMAR, Rogério; BRADY, Michael Emmett and SALLES, Alexandre O. T. Dos clássicos aos hereges: Keynes e a economia de seu tempo.**Rev. econ. contemp.** 2010, vol.14, n.2., pp. 359-393.

BAUMAN, Zygmunt. Capitalismo Parasitário. Zahar, 2010

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre o que é a doença**. Disponível em: https://Coronavírus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> Acesso em: 20 jul. 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Neoliberalismo e subjetivação capitalista**. Revista o Olho da História: N. 22. Abril, 2016

DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho. A loucura do Trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho. 5ª ed. São Paulo: Cortez-Oboré,1992

DINIZ, Leidiane Francisco; CAMPOS, Maurício. O Trabalho Contemporâneo e a Subjetividade do Trabalhador. R. UFG, Goiânia, v. 17, n. 21, p. 104-128, ago./dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/51672/25902> Acesso em: 02 fev. 2021. DOI: 10.5216/revufg.v17l21.51672

Freud, S. (1996a). **O mal-Estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929).

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** **(1920-1923)**, v.15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

IPEA – Instituído de Pesquisa Econômica Aplicada. Aumento de 1% no desemprego dos homens eleva a taxa de homicídios em 1,8%. 18/10/2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35110&catid=8&Itemid=6#:~:text=O%20aumento%20de%201%25%20na,popula%C3%A7%C3%A3o%20em%201%2C8%25.&text=A%20cada%201%25%20a%20mais,contribui%20para%20diminuir%20a%20viol%C3%AAncia.> Acesso em: 15 abr. 2021

KRENAK, Ailton. Caminhos para a Cultura do Bem Viver. Organização Bruno Maia. culturadobemviver.org 2020. Disponível em: < http://www.culturadobemviver.org/> Acesso em: 08 mar. 2021

Krenak, Ailton. O amanhã não está a Venda. Companhia das Letras:E-book, 2020. Disponível em: < https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/1969/1/Krenak%2C%20Ailton%20-%202020%20-%20O%20amanh%C3%A3%20n%C3%A3o%20est%C3%A1%20a%20venda.pdf> Acesso em: 09 mar. 2021

MARX, Karl. **O Capital**. LTC, 2018.

PAULI, Jandir; LEITE, Elaine da Silva; ROSENFIELD, Cinara Lerrer. Entre o Oikos e a firma: a influência do crédito na transição socioeconômica da agricultura familiar brasileira. v. 24 n. 1: Estudos Sociedade e Agricultura (abril a setembro de 2016). Disponível em: < https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/634> Acesso em: 13 fev 2021

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

TABONE, Danilo Andrade. Max Weber e o debate sobre a natureza da economia antiga. Archai n. 8, jan-jun 2012, pp. 47-52. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/5861/586161969006.pdf Acesso em: 13 fev. 2021

SILVA, Rafael Bianchi; ALEXANDRE, Ana Clara Siena. **Políticas sociais e subjetividade: discussões a partir do contexto neoliberal.** Psicol. Pesqui. | Juiz de Fora | 13(1) | 1-11 | Janeiro-Abril de 2019. **DOI:** 10.24879/2019001300123784

1. Mestranda no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (UnC) Canoinhas/SC Brasil. E-mail: princela@unc.br [↑](#footnote-ref-1)
2. Docente do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (UnC) Canoinhas/SC Brasil. E-mail: jairo@unc.br [↑](#footnote-ref-2)
3. Docente do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (UnC) Canoinhas/SC Brasil. E-mail: sandro@unc.br [↑](#footnote-ref-3)
4. Outro com letra maiúscula é um termo lacaniano para significar o lugar da palavra que nos determina dos “outros” (com o minúsculo) que são as pessoas com as quais nos relacionamos, nos identificamos e, às vezes, nos confundimos. Dicionário de Psicanálise (1998). [↑](#footnote-ref-4)